

O século XIX merece que se lute por ele: um olhar para o *Almanaque de Fragmentos* e para a relação arquivo, língua e história

Michel Marques de Faria*

Obra resenhada: MEDEIROS, In: MEDEIROS, Vanise *et al.* *Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX*. Campinas: Pontes, 2020.

“É como se o passado nevasse sobre nós”
Régine Robin

Figura 1: Representação da imagem da folha de rosto da obra.



Fonte: Medeiros *et al.* (2020).

* Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É pesquisador do grupo CoLHIBri (O Cotidiano na História das Ideias Linguísticas) e integrante do Grupo Arquivos de Língua (GAL). <https://orcid.org/0000-0002-1535-9177> /E-mail: michelmarques@id.uff.br



“O arquivo não fala, o arquivo responde” é o que nos lembra Beatriz Kushnir em sua conferência no Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD, 2011)¹. Na posição de quem filia-se à Análise de Discurso em articulação com a História das Ideias Linguísticas ou, ainda, em uma perspectiva discursiva da História das Ideias Linguísticas (FERREIRA, 2018), começo a presente resenha com algumas perguntas que, podendo ser compreendidas como inquietações, fazem parte da práxis de quem trabalha nas franjas das duas teorias e se propõe a pensar o arquivo: a) por que ir ao século XIX?; b) o que o século XIX tem a nos dizer?; c) que efeitos um livro que se propõe a reunir, já marcando em seu título, fragmentos, ecos do século XIX, pode produzir naqueles que se colocam no labor do arquivo e no fazer científico?

As perguntas acima são apenas três de muitas outras que poderiam ser formuladas para se pensar o trabalho de (com e no) arquivo que é realizado por um grupo de pesquisadores de diferentes instituições nacionais e internacionais e que, lançado em 2020, se materializa na forma de livro. *Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX* é um livro tecido a muitas mãos. São 18 as/os pesquisadoras/es que o escrevem: Alexandre da Silva Zanella, Amanda Scherer, Ana Paula El-Jaick, Angela Corrêa Ferreira Baalbalki, Dantielli Assumpção Garcia, Diego Barbosa da Silva, Felipe Dezerto, Helena Martins, José Edicarlos de Aquino, Lucília Maria Abrahão e Sousa, Livia Letícia Belmiro Buscácio, Mara Glozman, Maria Claudia Maia Brasil, Roberval Teixeira e Silva, Thiago Mattos e Verli Petri se juntam a Phellipe Marcel da Silva Esteves e a Vanise Medeiros, coordenadores do Grupo Arquivos de Língua², para apresentarem aos leitores arquivos diversos.

O livro publicado pela editora Pontes reúne uma apresentação em formato de ensaio e 47 textos, em formato de verbetes, que nos dizem da potência do trabalho científico com arquivo. Os verbetes apresentam uma série de reflexões teóricas e analíticas a partir de diferentes trabalhos com distintos arquivos. Os leitores, de posse do livro, terão à disposição os seguintes verbetes: *alarido*, *arquivos de língua*, *arquivo*

¹ Pude ter contato com tal dizer a partir da leitura do projeto escrito por Vanise Medeiros para o edital Cientista do Nosso Estado, FAPERJ, referenciado como Medeiros (2018). Tal citação é retomada em Medeiros, Esteves e Zanella (2019).

² Informações sobre o referido projeto podem ser obtidas em: <https://gal.hypotheses.org/>. Acesso em 20/02/2022.

nacional, carta, colégio pedro ii, congresso de milão, criança, criança brasileira na literatura, dentro-fora, diferença, edição, editor, enciclopédia, ensino de francês no brasil, feminismo, glossários, gramática (i), gramática (ii), homossexualidade, inominado, inominável, intradução, língua de arquivo, linguística (i), linguística (ii), livro, luto, manuscrito, memorial, movimento, mulher(es), notas de rodapé, ondas, pseudônimo, rascunho/brouillon, rascunhos, restos de escravização, retradução (i), retradução (ii), surdo, território, tortura, verbete (i), verbete (ii), vocabulários, vociferar/vociferación (i), vociferar/vociferación (ii) polémica.

Em suma, é um livro que leva às consequências o trabalho com o saber científico, com o conhecimento. Não o conhecimento como algo estático, homogêneo, uno e absoluto, mas, pelo contrário, o conhecimento que se constitui “como ‘oceano de alternativas mutuamente incompatíveis’ que, em seu pluralismo, concorrem e disputam não a verdade, mas, diríamos, sentidos sobre o sujeito” (MEDEIROS; MARCEL, 2020, p. 12). A proposta do almanaque, então, é a de recuperar “outras formas de circulação de saberes, outras formas de práticas científicas” (p.12).

Considerando a espessura do livro e a diversidade (produtiva) de verbetes que estão em sua tessitura, não realizarei uma resenha que se proponha como uma leitura linear, alfabética, perpassando verbete por verbete. Também, apesar do desejo (e da ilusão) de completude, não farei uma resenha que fale de todos os verbetes do livro³. Vale um comentário: apesar de possível, uma leitura linear é colocada à prova pela própria formulação dos verbetes que tecem relações discursivas com outros verbetes que são indicados ao final de cada texto. Vejamos a seguinte figura, relativa ao verbete *vocabulários*:

³ Acredito ser importante um breve comentário: considerando o número de verbetes e o espaço limitado ao texto em tela, por se tratar de uma resenha, não será possível abarcar todos os 47 verbetes e/ou os 18 autores que nos brindaram com reflexões a partir dos arquivos que coordenam. Isso não significa dizer, é certo, que os verbetes não comentados aqui não merecem leituras ou comentários. Pelo contrário, trata-se, reafirmo, de um gesto de leitura encetado em determinados verbetes e não em outros.

Figura 2: Representação de um trecho da última página do verbete *vocabulários*

1999, p. 45). O autor faz especial referência ao período colonialista, contudo podemos atualizar com os diferentes modos de reinvenção do neocolonialismo e o aterrador descaso dos governos (militares, liberais etc.) com o patrimônio linguístico e cultural brasileiro.

VP

Ver: arquivo de língua; glossários; língua de arquivo; notas de pé de página; verbete (1); verbete (ii).

Fonte: Medeiros *et al.* (2020).

O leitor que se coloque a ler o verbete *vocabulários*, será conduzido por Petri (2020, p. 287) à compreensão do funcionamento “num esforço de discernimento e de explicitação dos processos históricos de constituição dos vocabulários, em específico daqueles que se propõem como regionais brasileiros”. Tal processo se dá no bojo da compreensão de que, ao mesmo tempo que os vocabulários não andam só, uma vez que são postos lado a lado dos dicionários e glossários, eles também não estão em posição de competição, pois estes (os glossários) “são produzidos para dar conta de parcelas de uma língua” (PETRI, 2020, p. 288). Assim, a autora nos guia para um olhar sobre os vocabulários “produzidos por falantes da língua – não necessariamente lexicógrafos ou dicionaristas –, sujeitos interessados em saber mais (e dar a saber mais) sobre a ‘língua fluida’ (ORLANDI, 1999) com seus regionalismos, interferências locais e folclóricas” (*ibidem*). Após seu percurso reflexivo, o verbete em questão finaliza, conforme figura reproduzida do *Almanaque de Fragmentos*, com as indicações de leituras dos seguintes verbetes: *arquivo de língua, glossários, língua de arquivo, notas de rodapé, verbete (1) e*

verbetes (2)⁴. Tal indicação pode (ou não) ser seguida e produzir determinados *gestos de leitura* da obra em questão.

Partindo, então, das perguntas elencadas anteriormente, buscarei apresentar ao leitor um gesto de leitura da obra apresentada a partir de alguns verbetes e, com isso, convidá-lo a encetar outros gestos, outras leituras e, por conseguinte, outras relações com as diferentes formas de falar do(s) conhecimento(s) científico(s). É, como a apresentação do livro nos assevera, “uma forma sedutora de significar o conhecimento e as teorias científicas, bem diferente do modo como as políticas científicas hoje têm sido implementadas em diversas áreas do Estado brasileiro” (MEDEIROS; MARCEL, 2020, p. 12). Nesse percurso de resenha da obra, buscarei, na medida do possível, dar a saber alguns dos 47 verbetes que estão à disposição do leitor.

Destarte, acredito que os leitores – e aqui me dirijo em especial aos que não estão filiados teoricamente a uma perspectiva discursiva da História das Ideias Linguísticas – possam estar se perguntando sobre o porquê de um livro mirar no século XIX. Ora, o século XIX, não como morada, mas ponto de partida (para recuperar o que Medeiros e Marcel (2020) expõem na apresentação da obra), não é, pois, uma escolha ao acaso⁵. Orlandi (2001, p.8-9) nos lembra que

no Brasil, o século XIX é caracterizado por [...] um momento crítico de reivindicação por uma língua e sua escrita, por uma literatura e sua escritura, por instituições capazes de assegurar a legitimidade e a unidade desses objetos simbólicos sócio-históricos que constituem a materialidade de uma prática que significa a cidadania. A forma política dessa cidadania é a Independência e, em seguida, a República. A forma simbólica e a forma sujeito que lhe corresponde não são menos decisivas. Essas práticas têm, de um lado, as Instituições, de outro, a sua textualidade: gramáticas, dicionários, obras literárias, manuais e programas de ensino.

Ou seja, trata-se de um século com questões importantes para pensar a relação entre *língua* e *sujeito* na produção do conhecimento. Com isso, a proposta do livro é “voltar ao século XIX para refletir e intervir no presente” (MEDEIROS; MARCEL, 2020,

⁴ Os verbetes *arquivo de língua* e *língua de arquivo* foram escritos por Amanda Scherer. Os verbetes *glossários* e *notas de rodapé*, por sua vez, foram escritos por Vanise Medeiros. Já as entradas *verbeta* (i) e *verbeta* (ii) foram escritas por Livia Letícia Belmiro Buscácio.

⁵ Um breve comentário sobre o livro: o século XIX também se faz presente de forma estética. A escolha da capa (em cores, layout e tipo), além da tipografia do livro é, em muito, um convite a ler o século XIX.

p. 13). É uma obra que nos assevera o fato de que “não há saber sem história; não há saber sem a complexa (e contraditória) espessura de sua temporalidade” (MEDEIROS, 2018)⁶. Importante dizer que o século XIX atravessará de diferentes formas os verbetes que compõem o livro. É o caso, por exemplo, do *arquivo nacional*, em que Silva (2020) apresenta uma série de movimentos que dizem respeito aos diferentes modos de significar a instituição ao longo de sua existência, fazendo emergir “outro sentido de instituição arquivística e de Arquivo Nacional” (SILVA, 2020, p. 44). Também na seara das instituições, não se pode deixar de citar o verbe *colégio pedro ii*, em que Dezerto (2020) nos diz sobre as *condições de produção* do cenário político educacional brasileiro do século XIX, mais especificamente na década de 30. Tais *condições de produção* nos permitem compreender o processo que alçou a referida instituição educacional ao status de “colégios notáveis” (cf. ORLANDI, 2002) e, mais ainda, a discursividade desse processo na medida em que “historiadores e historiadores da educação apontam o fracasso inicial na função inicialmente pretendida pelo Colégio Pedro II, por razões internas ao seu funcionamento. Para nós, portanto, o que importa é como funcionou o Colégio Pedro II no discurso de Estado brasileiro e no discurso nacional da educação” (DEZERTO, 2020, p. 54).

Apesar de o foco do presente livro ser o século XIX, alguns verbetes partem, a partir de um dado *horizonte de retrospecto*⁷, da virada do século XVII para o XVIII de modo a compreender as relações que se estabelecem no século XIX. É o caso do verbe *criança*, de Brasil (2020, p. 63), em que a autora nos diz que “já na passagem do século XVII para o XVIII a institucionalização da escola muda o cenário, colocando em cena uma nova criança, dessa vez separada do adulto”. Também em Teixeira e Silva (2020, p. 197), com o verbe *movimento*, o autor parte do século XVI para nos mostrar o movimento que se dá na Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, atual Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), para a constituição de um “mosaico de

6 Formulação feita por Medeiros (2018), a partir de Auroux (2014 [1992]). Retomada, posteriormente, em Medeiros, Esteves e Zanella (2019).

7 Conceito proposto por Auroux (2014), ver nota seguinte. Importa dizer que os autores não mobilizam, necessariamente, esse conceito nos textos. Trata-se, pois, de um gesto de leitura encetado na produção da presente resenha.

línguas e culturas que foi sempre se conformando de uma maneira cada vez mais plural desde o estabelecimento dos portugueses em 1557”. Tratam-se de diferentes pontos de partida visando compreender o século XIX para nele avançar.

Avançando na resenha proposta, trago à baila a segunda pergunta, anteriormente posta: o que o século XIX tem a nos dizer? Tal pergunta, é certo, não se dissocia da primeira. Considerando, pois, a importância, já marcada linhas acima, do século XIX e o fato de estarmos diante de um livro fruto de um projeto “que tem como norte arquivos, no plural e que pensa arquivo como necessidade histórica, social, cultural; prática vital para a sobrevivência de qualquer sociedade” (MEDEIROS; MARCEL, 2020, p. 13), é imperioso dizer que se trata de um momento de grande importância para pensar as diferentes práticas do saber científico. Para exemplificar, recorto alguns verbetes, vejamos: em *homossexualidade*, Zanella (2020, p. 129) nos diz que “o século XIX é fecundo sobre a construção de um saber sobre as homossexualidades. Muito do que contemporaneamente se produz enquanto efeitos de sentidos sobre as homossexualidades é fruto de encruzilhadas de saberes oitocentistas”.

Já no verbete *língua de arquivo*, Scherer (2020) nos guia para compreendermos a relação que se estabelece com a (e na) língua dos viajantes do século XIX que passaram pelo Rio Grande do Sul. A partir do contato com alguns relatos de viajantes, Scherer (2020, p. 148) nos diz: “as relações sociais do cotidiano passam por um ideal de entendimento em uma espécie de comunicação total e absoluta. [...] Todos se entendem e todos falam, no entanto, o nome da língua não aparece, existe aí uma ausência, pelo menos um nome ausente”. Em *restos de escravização*, trazendo um passado que não cessa de voltar, Sousa (2020, p. 240) nos lembra que “ao longo dos séculos 18 e 19, o trabalho físico e forçado passou a significar castigo e tortura; [...] os negros passaram a ocupar o lugar de coisa desumanizada, a posição de peça a ser comprada, vendida, sacrificada e resposta”. É então que, de modo contundente, assevera: “são restos indignos e aviltantes que apontam o modo como a nossa matriz escravagista perdura, produz efeitos e deixa ressonâncias em curso ainda hoje, em vários traços da nossa vida social” (SOUSA, 2020, p. 240).

Os excertos apresentados até aqui me permitem realizar um esboço de resposta para a pergunta posta. Dada a especificidade do livro resenhado e o caminho escolhido

para a resenha, ao escolher determinados verbetes (e não outros), o *gesto de leitura* produzido para a compreensão (e, acredito, poderia dizer significação) do *Almanaque de Fragmentos*, diz da potência de um século em termos científicos, em inúmeras áreas do conhecimento, e que, ainda, tem muito a nos dizer. É assim que os verbetes, ao apresentarem diferentes questões, recuperam

o cotidiano, a poesia, o riso (porque é necessário resistir (sor)rindo, numa seriedade não sisuda, lúdica, contraditória, paradoxal) e vidas que importam, materializando, em suas páginas, a historicidade de corpos diversos (femininos, feministas, homossexuais, escravizados, infantis, surdos, indígenas, entre outros), marcados de formas várias pela diferença (pela língua, pelas formas de estar e transitar no mundo, pelos conhecimentos etc.), foram sendo significados do século XIX para cá. São coisas a saber, em nossa visada. (MEDEIROS; MARCEL, 2020, p. 18)

Gostaria, para um efeito de fecho da presente resenha, tratar da última pergunta: que efeitos um livro que se propõe reunir, já marcando em seu título, fragmentos, ecos do século XIX, pode produzir naqueles que se colocam no labor do arquivo e no fazer científico? Ora, de antemão, é imperioso dizer que o livro se constitui como um trabalho que leva às consequências uma perspectiva discursiva da História das Ideias Linguísticas (ainda que nem todos os autores/integrantes do projeto sejam analistas de discurso ou trabalhem na História das Ideias Linguísticas). Esse trabalho consequente começa a ser tecido já no ensaio de apresentação do livro e ganha corpo no decorrer dos 47 verbetes. Trata-se, assim, de uma obra que não deixa de levar em conta os *horizontes de retrospectção* e de *projeção*⁸, dos quais nos fala Auroux (2014). Horizontes que, em uma perspectiva discursiva, nos dizem respeito à história e ao porvir (aos projetos). Outrossim, os verbetes que vão construindo relações e dando contornos ao *Almanaque de Fragmento* nos dizem de um trabalho que considera que arquivo “nunca é dado *a priori*, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2014 [1986], p. 170, grifos dos autores). É, pois, um trabalho que não reside

8 Para Auroux (2014 [1992], p. 12), o ato de saber possui “uma espessura temporal, um horizonte de retrospectção [...], assim como um horizonte de projeção”. Nesse sentido, compreende-se que o horizonte de retrospectção vai ao encontro das relações com as quais o saber se ancora, com uma memória (a memória, nesse caso, é uma memória retrospectiva produzida pelo sujeito do conhecimento); ‘por sua vez, o horizonte de projeção é aquilo que queremos fazer acontecer, os projetos. Em uma perspectiva discursiva da História das Ideias Linguísticas importa considerar o horizonte de retrospectção em sua relação com a historicidade do conhecimento.

em um simples gesto de documentação afinal “l’archivio di un’epoca non è perciò mai descrivibile nella sua totalità, ma si offre alla lettura sotto forma di frammenti: la sua descrizione resta sempre aperta [...]”⁹ (GUILHAUMOU, 2010 [2006], p. 136).

De outro modo, é um livro que nos reafirma, a todo momento, a proposta pêcheutiana: dar consequências à “pluralidade de *gestos de leitura* que possam ser marcados e reconhecidos no espaço polêmico das leituras de arquivos” (PÊCHEUX, 2014a [1982], p. 59, grifos do autor). Por isso, ao apostar no fragmento “como entrada de leitura e reflexão - caminhos tecidos por verbetes de diversos pesquisadores que se aventuram nesta outra prática da composição e circulação do conhecimento” (MEDEIROS; MARCEL, 2020, p. 13), o livro convida o leitor, ao mergulhar pelos diferentes arquivos reunidos, a desestabilizá-los, a lançar um olhar outro, em suma: é uma aposta na pluralidade de *gestos de leitura*. Eis o efeito (ou ao menos um dos efeitos possíveis) a se produzir naqueles que se colocam no labor do arquivo. O *Almanaque de Fragmentos* instiga o leitor, analista de discurso ou não, historiador das ideias linguísticas ou não, a lançar outros olhares para um século (e para questões) que não cessam de voltar, que sempre vão lá onde o dente dói¹⁰. Em outras palavras, e parafraseando Milan Kundera, é bem verdade que o século XIX e o trabalho com arquivo também merecem que se lutem por eles.

Figura 3: Reprodução do início de quatro verbetes do livro

<i>dentro-fora</i> ¹	<i>rascunho/brouillon</i>	<i>inominado</i>	<i>surdo</i>
(den.tro.fo.ra)	(ras.cu.nho/ brouil.lon)	(i.no.mi.na.do) sm.	(sur.do)

Fonte: Medeiros *et al.* (2020).

⁹ “O arquivo de uma época não é, portanto, descritível em sua totalidade, mas se oferece à leitura na forma de fragmentos: a sua descrição permanece/fica sempre aberta” (Tradução própria).

¹⁰ Recupero, pois, a citação que Pêcheux (2014b [1975]) faz de Lênin: “a língua sempre vai onde o dente dói”, nos diz Pêcheux (2014b [1975]) – retomando Lênin – “para expressar que o retorno incessante a uma questão que incomoda indica que há “alguma coisa por trás”, confirmando a não-resolução da questão” (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 77).

Referências

- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Unicamp, 2014.
- BRASIL, Maria Claudia Maia. criança. *In*: MEDEIROS, Vanise *et al.* **Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX**. Campinas: Pontes, 2020.
- DEZERTO, Felipe. colégio pedro ii. *In*: MEDEIROS, Vanise *et al.* **Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX**. Campinas: Pontes, 2020.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. A Análise de Discurso e a constituição de uma História das Ideias Linguísticas do Brasil. **Fragmentum**, [S. l.], n. ESPEC, p. 17-47, 2018.
- GUILHAUMOU, Jacques. **Discorso ed evento: Per una storia linguistica delle idee**. Tradução: RAUS, Rachele. Roma: Aracne Editrice, 2010 [2006].
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. *In*: ORLANDI, Eni P. (Org). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Campinas: Unicamp, 2014 [1986].
- MEDEIROS, Vanise. **Arquivos de língua: Intervenções e polêmicas**. Rio de Janeiro: Projeto FAPERJ Cientista do Nosso Estado. 2018.
- MEDEIROS, Vanise; ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva; ZANELLA, Alexandre da Silva. Grupo Arquivos de Língua: um relato inicial. *In*: FLORES, Giovanna Benedetto *et al.* **Análise de Discurso em Rede: cultura e mídia (volume 4)**. Campinas: Pontes, 2019.
- MEDEIROS, Vanise; MARCEL, Phellipe. “O que é, com efeito, o presente?": Formas de fazer ciência com arquivo. *In*: MEDEIROS, Vanise *et al.* **Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX**. Campinas: Pontes, 2020.
- ORLANDI, Eni. (org.). **História das idéias linguísticas: construção do saber metalingüístico e constituição de língua nacional**. Campinas, São Paulo: Pontes; Cáceres, Mato Grosso: UNEMAT, 2001.
- ORLANDI, Eni P. **Língua e Conhecimento Lingüístico: para Uma História das Idéias no Brasil**. São Paulo, Cortez, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, Eni P. (Org). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Campinas: ed. da UNICAMP, 2014a [1982].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. Campinas:Unicamp, 2014b.

PETRI, Verli. vocabulários. *In*: MEDEIROS, Vanise *et al.* **Almanaque de Fragmentos**: ecos do século XIX. Campinas: Pontes, 2020.

SCHERER, Amanda Eloina. língua de arquivo. *In*: MEDEIROS, Vanise *et al.* **Almanaque de Fragmentos**: ecos do século XIX. Campinas: Pontes, 2020.

SILVA, Diego Barbosa da. arquivo nacional. *In*: MEDEIROS, Vanise *et al.* **Almanaque de Fragmentos**: ecos do século XIX. Campinas: Pontes, 2020.

SOUSA, Lucília Maria Abrahão. restos de escravização. *In*: MEDEIROS, Vanise *et al.* **Almanaque de Fragmentos**: ecos do século XIX. Campinas: Pontes, 2020.

ZANELLA, Alexandre da Silva. homossexualidade. *In*: MEDEIROS, Vanise *et al.* **Almanaque de Fragmentos**: ecos do século XIX. Campinas: Pontes, 2020.

Recebido em 25/02/2022.

Aprovado em 05/04/2022.